

A DAMA DA BIENAL • Continuação da página 1

A doce pessimista imortalizada pela palavra

Escritora, que acredita na transmigração da alma, se busca para falar da busca do homem através do próximo

O desejo de Lygia Fagundes Telles em botar sua literatura a serviço do leitor passa longe de uma obra que possa ser considerada paternalista ou militante. A não ser que esteja ligada à militância pelos sentimentos. Em conversas com outro "amado amigo", o poeta Carlos Drummond de Andrade, a paulista formada em Direito pela Universidade de São Paulo tentava explicar a dificuldade do homem em buscar o próximo ao se buscar. Uma distância que Lygia acredita ajudar a diminuir através destes contos de "Invenção e memória", muitos deles recuperados de velhas gavetas do passado e refeitos agora.

No encontro do homem consigo mesmo ele tenta passar essa procura para o outro. Eu fui me buscar lá longe, uma estudante de Direito, tão ignorante... Havia em mim uma vontade de entender a mão para o próximo.

Embora volta e meia o pessimismo apareça como um estado de espírito em suas frases ou em seus contos — três deles integram a coletânea "Os cem melhores contos brasileiros do século", uma seleção feita por Italo Moriconi para a Objetiva — a escritora lembra que é uma "pessimista com esperança", porque se não tivesse esperança não estaria viva e produzindo.

A fé na renovação do ofício de escritor

Essa fé fica visível quando Lygia tece um novo comentário em torno de uma antiga idéia, na qual observou que o escritor seria uma espécie em extinção.

Pensando bem não acho isso, porque novas hordas de autores estão surgindo com uma força admirável e acho que essa força é uma forma de indignação criadora — entusiasma-se ela. É uma resistência, uma luta constante e feroz. Eles continuam como eu fui na juventude, em plena luta e com vontade de esperança.

Entre a literatura e a esperança, a surpreendente Lygia



LYGIA FAGUNDES TELLES durante uma solenidade na Academia Brasileira de Letras: "Se a palavra fica, ela se torna a única negação da morte"

passa por campos variados. Durante o processo de criação de "Invenção e memória", por exemplo, ela diz ter pensado muitas vezes sobre a questão da transmigração da alma, algo que a deixa particularmente comovida. Embora seja católica apostólica devotada, Lygia assume que neste ponto é meio "subversiva" e prefere pensar não numa morte que a faça reencarnar num outro ser humano, mas sim em qualquer ser sobre a terra, seja planta, gente ou pássaro.

Talvez depois eu seja um pássaro, um arbusto, um peixe mudo do mar ou um cachorro sonhador, com um navio na cabeça, como aquele desenhado por meu filho Goffredo (Telles Neto, cineasta), onde conta uma pungente história de amor entre duas aves: um cisne e um galo.

Eu humanizei os bichos, mas falo da liberdade do amor. Ele aparece em qualquer lugar. Que bom isso! — exulta Lygia, que parece, mais que nunca, ter

passado por campos variados. Durante o processo de criação de "Invenção e memória", por exemplo, ela diz ter pensado muitas vezes sobre a questão da transmigração da alma, algo que a deixa particularmente comovida. Embora seja católica apostólica devotada, Lygia assume que neste ponto é meio "subversiva" e prefere pensar não numa morte que a faça reencarnar num outro ser humano, mas sim em qualquer ser sobre a terra, seja planta, gente ou pássaro.

Talvez depois eu seja um pássaro, um arbusto, um peixe mudo do mar ou um cachorro sonhador, com um navio na cabeça, como aquele desenhado por meu filho Goffredo (Telles Neto, cineasta), onde conta uma pungente história de amor entre duas aves: um cisne e um galo.

Eu humanizei os bichos, mas falo da liberdade do amor. Ele aparece em qualquer lugar. Que bom isso! — exulta Lygia, que parece, mais que nunca, ter

passado por campos variados. Durante o processo de criação de "Invenção e memória", por exemplo, ela diz ter pensado muitas vezes sobre a questão da transmigração da alma, algo que a deixa particularmente comovida. Embora seja católica apostólica devotada, Lygia assume que neste ponto é meio "subversiva" e prefere pensar não numa morte que a faça reencarnar num outro ser humano, mas sim em qualquer ser sobre a terra, seja planta, gente ou pássaro.

Talvez depois eu seja um pássaro, um arbusto, um peixe mudo do mar ou um cachorro sonhador, com um navio na cabeça, como aquele desenhado por meu filho Goffredo (Telles Neto, cineasta), onde conta uma pungente história de amor entre duas aves: um cisne e um galo.

Eu humanizei os bichos, mas falo da liberdade do amor. Ele aparece em qualquer lugar. Que bom isso! — exulta Lygia, que parece, mais que nunca, ter

passado por campos variados. Durante o processo de criação de "Invenção e memória", por exemplo, ela diz ter pensado muitas vezes sobre a questão da transmigração da alma, algo que a deixa particularmente comovida. Embora seja católica apostólica devotada, Lygia assume que neste ponto é meio "subversiva" e prefere pensar não numa morte que a faça reencarnar num outro ser humano, mas sim em qualquer ser sobre a terra, seja planta, gente ou pássaro.

Talvez depois eu seja um pássaro, um arbusto, um peixe mudo do mar ou um cachorro sonhador, com um navio na cabeça, como aquele desenhado por meu filho Goffredo (Telles Neto, cineasta), onde conta uma pungente história de amor entre duas aves: um cisne e um galo.

Eu humanizei os bichos, mas falo da liberdade do amor. Ele aparece em qualquer lugar. Que bom isso! — exulta Lygia, que parece, mais que nunca, ter

"POIS É, A INFÂNCIA. QUAL A infância que resiste a uma família despedaçada? Tantas rompimentos. Conflitos. O único que restou inteiro foi aquele avô com lições de ética. Mas morava longe e adoeceu e foi morar mais longe ainda, a infância? Foi para compensar tamanha carência que viro aquele político safado? A idolatria do poder, do dinheiro. Ou a canalhice já se escondia dentro dele feito um cupim criando o vazio. O co. Fica a lembrança doce daquela primeiríssima vocação, cinco, seis anos? Quando pediu com tanto ardor, Pai, eu queria ser bombeiro! Tão simples recorrer agora ao colégio. Chamei um bombeiro e já aparece o braço moço fardado e com um rolo de corda para puxá-lo do fundo do abismo. E para puxar também (com todo o respeito) o próprio pai.

A morte e o medo. O medo agudo que o fazia entrar debaixo da cama, uma criança se escondendo. Não!... E inesperadamente, a serenidade, simples ausência da ansiedade. Quando então ficava estatelado, uma nuvem sem o vento. Um barco quieto num mar quieto. Quietos e ainda assim sugerindo a esperança da euação em busca do equilíbrio que era o horizonte lá longe reduzido a uma linha entre esse mar e o céu. As tempestades, as fúrias. E a linha inalterável. Indestrutível. Às vezes o medo menor, mesquinho porque próximo: medo de desencadear o mau humor no impaciente acompanhante, isso se viesse a piorar e lá piora! ficando ainda mais dependente desse homem que devia ter lido o poema do homem perfeito, 'Se é capaz... Não leu'.

Trecho do conto "Que se chama solidão", de Lygia Fagundes Telles

Os melhores contos brasileiros deste século

Entre as novas obras de ficcionistas do país, figuram as de Fausto Wolf e Marcos Santarrita

No ano passado, fez muito sucesso nos Estados Unidos a coletânea de melhores contos do século em língua inglesa, selecionados pelo escritor John Updike. Em entrevista a O GLOBO, Updike observou o quanto a empreitada fora difícil e confessou, mesmo assim, ter se orgulhado do resultado, pois achava que realmente havia escolhido ótimos contos. No Brasil, o desafio foi aceito pelo professor Italo Moriconi, doutor em Letras e titular da cadeira de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A pedido da editora Objetiva, ele garimpou os cem melhores textos do gênero produzidos no Brasil ao longo do século XX, tendo procurado se pautar apenas pela qualidade, abandonando rígidos critérios acadêmicos. A partir da seleção feita pelo professor o leitor poderá dar um verdadeiro passeio por uma mostra variada de pequenas obras-primas da literatura brasileira. Entre os eleitos por Moriconi, estão textos de João do Rio, Clarice Lispector, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Caio Fernando Abreu, J.J. Veiga, Rubem Fonseca, Ana Cristina César, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Hilda Hilst, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Moacyr Scllar, Lygia Fagundes Telles, Victor Giudice, João Antônio, Luiz Fernando Veríssimo, Raduan Nassar e Nélida Piñon. No total, foram selecionados contos de 77 escritores.



• **O LOBO ATRÁS DO ESPELHO**, de Fausto Wolff (Bertrand Brasil): Enveredando pela novela policial, Wolff narra a história de uma família de imigrantes de origem cigana. Entre os personagens, Cosmo, um idealista que transformara sua fazenda em comunidade socialista; Parthénia, princesa cigana que será a matriarca de um clã gaúcho e o assassino Carlos Lobo. E mais: luta armada, drogas, cães que falam, deuses e políticos corruptos.

• **O DOENTE MOLIÈRE**, de Rubem Fonseca (Companhia

das Letras): Mais um livro da coleção Literatura ou Morte, que se iniciou com "A morte de Rimbaud", de Leandro Konder, e "Stevenson sob as palmeiras", de Alberto Manguel. Rubem Fonseca conta como Molière foi envenenado na França de Luís XIV.

• **DO AMOR AUSENTE**, de Paulo Roberto Pires (Record): Primeiro livro de ficção do jornalista e professor. Um homem resolve ir fundo em suas obsessões após descobrir que a mulher havia desaparecido. Sozinho, subverte as relações

com amigos, amores e trabalho, tentando se livrar do passado e das emoções.

• **O QUE TINHA QUE SER**, de Marcos Santarrita (Imago): O escritor de "Mares do Sul" desta vez reúne em livro seus contos, a começar pelo que escreveu há 40 anos e na ocasião foi publicado por um jornal da Bahia, "Mil-réis por pé".

• **A CONTORCIONISTA MONGOL**, de Roberto Muggiati (Record): Estréia na ficção do jornalista e crítico musical. Irina, contorcionista de circo, des-

trói a vida do narrador. Enlouquecido de amor pela ginasta, que conhecera no Quitandinha, ele se vê no Tibet, ocupado pelos chineses desde 1950.

• **O CONSELHEIRO COME**, de João Ubaldo (Nova Fronteira): Reunião de crônicas escritas por João Ubaldo para os jornais O GLOBO e "O Estado de S. Paulo". Entre elas está a famosa "Carta ao presidente".

• **MEU QUERIDO CANIBAL**, de Antonio Torres (Record): Torres narra a vida do líder indígena Cunhambebe, temido guerreiro tupinambá, traçando um painel das primeiras décadas da História do Brasil.

• **CITTÀ DI ROMA**, de Zélia Gattai (Record): No século XIX, duas famílias italianas migram para Brasil: os Dacol e os Gattai. Após desembarcarem do navio Città di Roma, estabelecem-se em São Paulo, onde anos depois Angelina Dacol e Ernesto Gattai se casaram e tiveram filhos. Zélia, a caçula da família, que já escreveu um livro ficcional sobre sua família, agora escreve memórias.

• **MURAI'S DE VINICIUS E OUTROS PERIFÉRIOS**, de Paulo Mendes Campos (Civilização Brasileira): O primeiro é uma coletânea de perfis escritos pelo grande cronista, entre eles o de Ari Barroso e Di Cavalcanti, e o segundo é um retrato humorado do país em textos extremamente perspicazes. ■

Entre os poetas, estão Manoel de Barros e Villon

Helder Macedo, autor português consagrado, apresenta seus versos

A poesia estará bem representada na 16ª Bienal de São Paulo por dois poetas brasileiros e estrangeiros. Entre os lançamentos da Record, está a nova coletânea do poeta pantaneiro Manoel de Barros, "Ensaio fotográficos", na qual mistura árvores com Bach, pássaros com Malakowski e pedra e Rabelais, num exercício de sensibilidade. Manoel estará apresentando esta obra e outras, no dia 30 de abril, ao lado do ator Antonio Calloni, que lançou pela Bertrand Brasil "Os infantes de dezembro".

Da mesma editora, há também "Viagem de inverno", de Helder Macedo, escritor português que além de admirável prosa, como a de "Pedro e Paula", escreve versos. Eis uma mostra: "À neve já não caio/ Irô corta/ e a noite se arrepia/ ao anúncio da manhã subindo as casas/ Repousemos também/oh meu amor/ nossos corpos/ que sabem mais do que nós". Já a Edusp vem com uma belíssima contribuição, "A poesia de Villon", em edição bilingüe organizada por Sebastião Uchoa Leite. Um dos maiores poetas franceses de todos os tempos, Villon, que viveu entre 1431 e 1463, era professor de Artes na Universidade de Paris e ao mesmo tempo um boêmio, frequentador de bordéis e tavernas, que pode até ter cometido roubos e assassinatos. ■

